O DESAFIO DE RECONHECER E PERSPECTIVAR UMA NOVA ORDEM INTERNACIONAL E A VISÃO DA CHINA

认清与展望国际新秩序的挑战及中国愿景

GENERAL PINTO RAMALHO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MULTICELULAR E AMIZADE PORTUGAL-CHINA, EX-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, FOI ADJUNTO DO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL PARA OS ASSUNTOS EXTERNOS DE DEFESA, DIRETOR GERAL DE POLÍTICA DE DEFESA NACIONAL DO MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL E É PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA REVISTA MILITAR.

平托·拉马略将军（General Pinto Ramalho），葡萄牙-中国世纪友好协会主席、前陆军参谋长，曾任国防部长国防外交事务助理、国防部国防政策总局局长，现任《军事杂志》董事会主席。

RESUMO (LAYOUT)

Estamos perante um desafio, que é o de reconhecermos e caracterizar uma Nova Ordem Internacional… contudo, sabemos também que, sobre esta temática, do lado da República Popular da China, há uma constância e uma estabilidade política, que nos permite prospetivar a sua visão para o futuro.

…Gostaria também de focar aquilo que foi o encontro de Xi Jinping com Trump, em três importantes áreas que foram debatidas, que tiveram resultados no comércio bilateral_ os 3 B… Os 3 BÊS tinham a ver com as tarifas e a discussão sobre as mesmas, as tecnologias, a exportação dos microchips e também tudo aquilo que está associado à exportação das terras raras e ao seu controlo… o segundo ponto mais importante, tem a ver com o domínio da segurança, e a clarificação que Xi Jinping fez relativamente a Taiwan. A armadilha de Tucídides, começou por ser apresentada em termos de desafio um ao outro, mas depois estendeu-se a Taiwan, dizendo que poderá haver um problema grave, se a questão de Taiwan for mal conduzida e ser considerada inaceitável do lado chinês… Deve dizer-se que neste momento há uma corrente expressa dos dois lados, no sentido de que o problema de Taiwan se resolva do ponto de vista diplomático e do ponto de vista político…Trump falava de um eventual G 2 e Xi Jinping falou nas duas grandes Nações, que podem ajudar a que a estabilidade no mundo se concretize, que haja paz e não confrontos, mas sim uma relação conduzida através da via da cooperação e de uma competição saudável que possa ser gerida.

… Recentemente, em Maio deste ano (2026), a China apresentou nas Nações Unidas aquilo que considera serem as 9 diretrizes para a constituição e a formulação de uma

Nova Ordem Internacional… Igualmente de seguir com atenção, aquilo que foi apresentado aos BRICS, como a visão chinesa da actuação do chamado Sul Global….. Não se fala em aliados, mas sim em Partners. Dizem inclusive que, neste momento, têm 109 Partners; as parcerias são a grande aposta da República Popular da China…
Vou terminar refletindo sobre a atração político e estratégica que a China tem representado na Comunidade internacional…

摘要
我们正面临着一个挑战，即认清并定性一个国际新秩序……然而，我们也深知，在这一课题上，中华人民共和国方面保持着政策的连续性与政治的稳定性，这使我们能够展望其对未来的愿景。
……我亦想重点谈谈习近平与特朗普的会晤，双方就三个重要领域展开了讨论，并在双边贸易中取得了成果——即“3B”。这“3B”涉及关税及相关讨论、技术（如微芯片出口），以及与稀土出口及其控制相关的所有事务……
第二个最重要的点与安全领域有关，以及习近平对台湾问题的明确阐述。“修昔底德陷阱”最初表现为彼此之间的挑战，但随后延伸到了台湾。有观点认为，如果台湾问题处理不当，且中方认为是不可接受的，可能会出现严重的问题……应该说，目前双方都有一种明确的倾向，即通过外交和政治途径来解决台湾问题……特朗普谈到了潜在的 G2（两国集团），而习近平则谈到了这两个伟大的国家可以帮助实现世界稳定，带来和平而非对抗，并通过合作和可控的良性竞争来引导双边关系发展。
……最近，在今年（2026 年）5 月，中国向联合国提交了其认为建立和构筑国际新秩序的 9 项准则……同样值得密切关注的是，中国向金砖国家阐述的关于所谓“全球南方”行动的中国愿景……这里不谈“盟友”，而是谈“伙伴”（Partners）。他们甚至表示，目前已经拥有 109 个伙伴；伙伴关系是中华人民共和国的重大战略抉择……
最后，我将对中国在国际社会中所展现出的政治和战略吸引力进行反思。

Muito boa tarde a todos.

Começo por cumprimentar o Professor Queirós, para agradecer o convite, que muito me honra e que constitui sempre um aliciante desafio.

Cumprimento também os Senhores Embaixadores e todos os Convidados que participam nesta conferência.

Saúdo os meus Colegas de Painel

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Gostaria de iniciar a minha intervenção realçando um aspecto que tem a ver com aquilo que, de certo modo, tem estado subjacente em algumas intervenções que foram produzidas nesta conferência.

Estamos perante um desafio, que é o de reconhecermos e caracterizar uma Nova Ordem Internacional, que não sabemos qual é, e se utilizássemos a fórmula do Professor Adriano Moreira, diríamos que o que nós sabemos, da Nova Ordem Internacional é que a antiga já não existe e a futura ainda não somos capazes de dizer como é que vai ser; contudo, sabemos também que, sobre esta temática, do lado da República Popular da China, há uma constância e uma estabilidade política, que nos permite prospetivar, a sua visão para o futuro.

Aquilo que se começou por dizer que seria um primeiro objetivo político, de renascimento da nação chinesa com Deng Xiaoping, e hoje com XI Jinping, a afirmação da procura de ser uma nação com uma economia de primeira linha.

O segundo objetivo, tem a ver com aquilo que é o desenvolvimento tecnológico e que para nós é já uma evidência - o crescimento tecnológico da China.

Depois também referir um aspeto interessante e importante que é o seu empenhamento nos mercados externos, no nível das exportações e, no domínio da segurança, neste particular, adquirir no domínio militar uma capacidade que é designada por World Class.

Mas, neste quadro de objectivos, permanece uma questão que está sempre subjacente no contexto internacional - a situação de Taiwan e o que isso representa nas relações da Europa com a China e, também e em particular, com os Estados Unidos. Importa reflectir também, como é que são desenvolvidos no contexto internacional, os objetivos da China, a sua permanência e como beneficiam da estabilidade política e do seu desenvolvimento

Faço aqui só um parêntese para referir que, antes do COVID estive na China, numa conferência que reunia vários dirigentes africanos e para o qual também fui convidado, por simpatia da organização e, quando as autoridades chinesas se dirigiam aos governantes africanos, diziam: “nós há 50 anos estávamos como vós, hoje a realidade da China é esta, portanto, este é o modelo, a base e o estímulo para uma cooperação futura”; não uma crítica dos diversos modelos políticos, mas sim o estímulo do desenvolvimento no sentido daquele conceito, que é muito repetido e apresentado em termos internacionais pela China - o conceito Win-Win.

Mas gostaria de trazer agora a esta reflexão, algo que é uma realidade muito próxima de nós, em termos temporais. Refiro-me ao encontro de Xi Jinping com Trump. É interessante também pensarmos no número de dirigentes, quer de Chefes de Estado, quer de altos dirigentes e ministros que têm vindo a visitar à China ao longo deste processo.
Mais de 26 altas entidades, passando pela França, pela Espanha, pelo Canadá, pelos Estados Unidos, pelo Reino Unido Interrogamo-nos sobre o que está subjacente a este processo e qual o interesse em procurar a China e como é que esta reage; quase nos faz lembrar, recorrendo à memória da histórica chinesa, aquilo que era a posição imperial da China, em que o imperador não se deslocava, eram os outros que se deslocavam ao País. Esta é uma postura política, que revela a importância e a forma que a China concebe e como conduz a sua política externa - Xi Jinping no ano passado, saiu apenas seis vezes da China.
Mas gostaria também de focar aquilo que foi o encontro de Xi Jinping com Trump, em três importantes áreas que foram debatidas, que tiveram resultados e que, ao contrário do que disseram as notícias da comunicação social, que referiam que nada tinha acontecido. Não foi assim, aconteceram coisas muito concretas, talvez menos do que se esperava no domínio económico, mas apesar de tudo, foram resolvidos e obtidos consensos em temas que eram designados, pelos 3 BÊS e pelos 3 TÊS; os 3 BÊS do lado americano, eram *beef, a* carne e o seu comércio bilateral, a exportação dos *beens,* neste caso de soja, e a questão dos aviões Boeing. Neste domínio, foram 200 Boeing, a encomenda do lado chinês.
Os 3 BÊS tinham a ver com as tarifas e a discussão sobre as mesmas, as tecnologias, a exportação dos microchips e também tudo aquilo que está associado à exportação das terras raras e ao seu controlo. Este o aspeto económico que será certamente aprofundado na segunda cimeira nos EUA, tendo sido criados dois órgãos de consulta, que têm a ver com o controlo do diferencial económico, o *trade board*, e o *investment trade,* relativamente a áreas não consideradas sensíveis.
O segundo ponto mais importante, tem a ver com o domínio da segurança, e a clarificação que Xi Jinping fez relativamente a Taiwan. A armadilha de Tucídides, começou por ser apresentada em termos de desafio um ao outro, mas depois estendeu-se a Taiwan, dizendo que poderá haver um problema grave, se a questão de Taiwan for mal conduzida e ser considerada inaceitável do lado chinês.
O terceiro ponto tem a ver com a forma como se dirigiu a Trump durante o discurso final, em que não falou em potências, falou sim nas suas duas grandes Nações. Trump falava de um eventual G 2 e Xi Jinping falou nas duas grandes Nações, que podem ajudar a que

a estabilidade no mundo se concretize, que haja paz e não confrontos, mas sim uma relação conduzida através da via da cooperação e de uma competição saudável que possa ser gerida.

Neste aspeto, Xi Jinping fez apelo àquilo que é a sua visão da "Nova Ordem Internacional", uma nova ordem baseada nos textos e conceitos expressos nas chamadas 4 Grandes Iniciativas apresentadas pela RPC – A Iniciativa do Desenvolvimento Global (2021); A Iniciativa da Segurança Política (2022); A Iniciativa da Civilização Global (2023); A Iniciativa da Governança Global (2025).

Recentemente, em Maio deste ano (2026), a China apresentou nas Nações Unidas aquilo que considera serem as 9 diretrizes para a constituição e a formulação de uma Nova Ordem Internacional, onde se fala na Reforma das Nações Unidas e do Conselho de Segurança, na importância das Operações de Manutenção da Paz, no Desenvolvimento Sustentado e a concretização da Agenda 2030, nos Direitos Humanos, no aprofundar da Situação Internacional Económica e Financeira, no controlo da Inteligência Artificial através de uma postura ética e inclusive, no Desafio das Novas Fronteiras, o Espaço e o Ciberespaço, em fortalecer as plataformas de Mediação e Cooperação, construir consensos globais de governança, o multilateralismo e o respeito pela diversidade histórica e cultural a par da preservação das civilizações e da sua diversidade.

Igualmente de seguir com atenção, aquilo que foi apresentado aos BRICS, como a visão chinesa da actuação do chamado Sul Global: a liderança do Sul Global, através de uma postura política mais activa, rejeição do unilateralismo (crítica aos EUA), defesa da Soberania, Inovação tecnológica e Inteligência Artificial, Integração Económica e Mercado Unificado e, por último a Segurança Coletiva e Geopolítica.

Um aspecto muito sensível da política externa da China, está relacionada com a segurança, aquilo que a China refere, do ponto de vista militar, não ser desafiada regionalmente. E aqui temos um ponto de interrogação grave, porque a propósito de Taiwan, as relações entre Japão e a China agudizaram-se por declarações do Japão, dizendo que a questão de Taiwan era para si uma questão essencial em termos nacionais, uma questão de segurança, que levava a que o Japão tomasse um conjunto de medidas significativas no sentido da sua garantia.

Temos de ter presente que há um conceito de segurança no Pacífico por parte dos EUA, que passa por duas linhas de defesa, digamos assim, ou de contenção da China; a primeira tem a ver com o Japão, com a Malásia e Taiwan e, uma segunda linha de defesa ou de contenção, que tem a ver com o Havaí, o Alasca, a Base dois EUA de Guam e a Austrália.

E isso traz para a discussão aspetos que são debatidos em permanência, quer do lado ocidental (EUA), quer do lado chinês e que tem a ver com a qualidade e capacidades das forças armadas chinesas, incluindo a força aérea, em relação à exploração espacial e no domínio dos mísseis. Mas sobretudo no domínio da Marinha há um grande esforço no sentido da sua capacidade submarina. O que está em causa são dois aspetos absolutamente contraditórios; a preocupação da China é que, eventualmente, a sua marinha, sobretudo a sua componente submarina, possa não ultrapassar a primeira linha de segurança, ou seja, a linha de segurança estabelecida pelo Japão, por Taiwan e pela Malásia.

E qual é a preocupação ocidental? É que efetivamente os chineses possam ultrapassar essa linha e invadir Taiwan. As manobras militares a que temos assistido vão num sentido completamente distinto, que é do isolamento da ilha e o controlo todas as áreas de potencial reforço, aéreo e marítimo onde actua em particular a componente submarina, antevendo o que pode acontecer se houver da parte do Ocidente, designadamente os Estados Unidos, uma atuação que ponha em causa as preocupações que foram expressas por Xi Jinping.

Deve dizer-se que neste momento há uma corrente expressa dos dois lados, no sentido de que o problema de Taiwan se resolva do ponto de vista diplomático e do ponto de vista político. Embora não tenha havido alteração da chamada política tradicional e da ambiguidade estratégica dos Estados Unidos, a verdade é que algumas vozes puseram em causa, muito concretamente, o eventual envolvimento militar dos Estados Unidos face à distância, a que Taiwan se encontra, pelas dificuldades, do ponto de vista logístico que isso representa, em termos de um conflito aberto.

Declarações que lançaram preocupações não só no Japão, como já referi, mas preocupações também em Taiwan. Mas aí há um sentimento distinto. Um setor, já muito significativo da sociedade de Taiwan, olha para a China de uma maneira não tradicional e sente que tem nas suas mãos "uma arma de destruição maciça" - a sua capacidade no domínio dos microprocessadores.

Aquilo que a TSMC produz e o que isso significa na economia, no desenvolvimento industrial, na mudança tecnológica, na resposta às alterações climáticas, mas sobretudo no desenvolvimento da inteligência artificial, realça a importância da sua capacidade de produção dos supercondutores, capacidade que consideram lhes trazer uma vantagem negocial, face ao que significaria não só uma afetação dessa capacidade, como também da sua exportação.

Tudo isto levanta aqui um conjunto de interrogações para as quais naturalmente não tenho resposta. Limito-me a constatar factos, mas que nos levam a pensar que estamos perante um mundo, neste momento, em que os desafios colocados são significativamente importantes, são significativamente exigentes e devem merecer da parte, de quem tem a capacidade de eventualmente interferir na futura Ordem Internacional, muita ponderação e muita cautela e, sobretudo, muita racionalidade.

É interessante que esta nova ordem internacional, que de certo modo contesta a liderança americana e embora que se tenha falado no G 2 e Xi Jinping tenha referido as duas grandes Nações, há realmente uma perceção de que há mais atores do ponto de vista daquilo que é a nova classificação das potências.

Fala-se menos em potências de primeira ordem para se falar em potências que têm a capacidade para executar uma estratégia nacional autónoma e que para isso, lançam mão de determinados fatores, como seja a sua capacidade militar, a capacidade nuclear, a utilização comercial e militar do espaço, a extensão territorial, a dimensão populacional, a inovação tecnológica ou a atração ideológica.

Perante a análise destes factores, aparecem quatro polos indiscutíveis, a China e os Estados Unidos no topo, depois surgem a Rússia e a Índia, de quem se tem falado pouco; para além destes países, aproximando-se, digamos desta fronteira, alguns especialistas na área da estratégia apontam também ainda o Japão e o Brasil.

Mas o Japão aparece, não como tendo capacidade para executar uma estratégia nacional autónoma, mas por dispor de uma. capacidade tecnológica que é reconhecida e por uma qualidade da população muito específica, contudo deixam interrogações relativamente a qual seria o papel determinante do Japão, nessa futura Ordem Internacional.

O mesmo se pode dizer relativamente ao Brasil, que dispõe de recurso minerais críticos, mas que continua a ter graves lacunas na organização do Estado e uma população com grandes assimetrias sociais e económicas.

Sobre esta temática, na China foi conduzida uma investigação interessante baseada no conceito de Poder de Sun Tzu, relativamente ao Poder dos Estados; desta vez ultrapassou-se o conceito de avaliação tradicional de emprego da formula de Ray Cline, fazendo uma utilização da computação quântica e as tecnologias da inteligência artificial, testando um modelo de análise, mas com 82 variáveis, Essa avaliação continuou a apresentar como grandes polos, de Poder, determinantes dessa Ordem Internacional, os Estados Unidos, a China, a Rússia e a Índia, e o Japão e o Brasil continuaram a não aparecer nessa avaliação.

Não me vou alongar muito mais, mas gostaria de referir também, que neste processo de afirmação política, é interessante seguir o raciocínio e as declarações que têm sido produzidas, não só por Xi Jinping, mas também pela diplomacia chinesa.

Não se fala em aliados, mas sim em *Partners.* Dizem inclusive que, neste momento, têm 109 *Partneres;* as parcerias são a grande aposta da República Popular da China e há uma certa graduação, nessas parcerias - há as parcerias sem limites, há as parcerias estratégicas, há as parcerias pontuais e há as parcerias que apenas se baseiam numa política conjuntural de cooperação.

Vou terminar refletindo sobre a atração político e estratégica que a China tem representado na Comunidade internacional. A esse facto não é estranho a estabilidade política que foi atrás referida, o seu desenvolvimento económico e tecnológico, assim como a sua influência nos BRICS e no Sul Global. No Ocidente Alargado essa influência Internacional é igualmente reconhecida, tenhamos em conta as repetidas solicitações para a sua intervenção política nos conflitos abertos da Rússia /Ucrânia e no Médio Oriente.

No entanto, podemos estar certos que a China não se desviará daquilo que considera serem os seus interesses nacionais para responder ou solucionar situações, que são do interesse de outros actores internacionais, os EUA ou a Europa.

Por último refiro o que, sobre a aproximação de vários actores internacionais à China, alguns comentadores chineses dizem, relativamente à aproximação política e diplomática, dos líderes europeus e americanos e outros do resto do mundo, quando se dirigem e relacionam com a China e apontam, fundamentalmente, três motivos. Primeiro, porque querem fazer amizade com alguém ou com alguma organização na China. Uma segunda razão, porque querem melhorar ou, genuinamente, concretizar um acordo comercial ou uma parceria relativa a uma certa área política, económica, tecnológica, militar ou outra. Uma terceira hipótese, é porque querem demonstrar a terceiros, que são amigos da China e têm com ela parcerias.

Para facilitar a gestão do tempo e propiciar o Debate, ficaria por aqui.

Muito obrigado pela Vossa atenção.